

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto
Editores

PSICOLOGIA &
PSICOTERAPIA

1

Dicionário de Psicologia



EDIÇÕES SÍLABO

Psicologia & Psicoterapia

Diretor de coleção: Telmo Mourinho Baptista

Títulos publicados

1. Dicionário de Psicologia
2. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais
Vol. 1 – Intervenções Clínicas
3. Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais
Vol. 2 – Perturbações e Grupos Específicos (no prelo)

Psicologia & Psicoterapia

Livros de carácter científico e de divulgação sobre aspetos importantes nas áreas da psicologia e da psicoterapia. Privilegiando autores portugueses, um contributo para a formação dos profissionais e uma maior divulgação dos conhecimentos e práticas de que a psicologia e a psicoterapia se ocupam.

Dicionário de Psicologia

Editores

Telmo Mourinho Baptista

David Dias Neto

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

FICHA TÉCNICA:

Título: Dicionário de Psicologia
Autores: Telmo Mourinho Baptista, David Dias Neto e outros
© Edições Sílabo, Lda.
Capa: Pedro Mota
Imagem da capa: Carollynn Tice | Dreamstime.com
1ª Edição – Lisboa, setembro de 2019.
Impressão e acabamentos: Europress, Lda.
Depósito Legal: 461074/19
ISBN: 978-989-561-022-8



Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2
1170-100 Lisboa
Tel.: 218130345
e-mail: silabo@silabo.pt
www.silabo.pt

Prefácio

Nos últimos quarenta anos, a psicologia portuguesa tem tido o seu maior desenvolvimento com o crescimento das escolas existentes e o aparecimento de muitas e novas escolas. A docência alargou-se para poder atender aos milhares de alunos que procuravam estudar psicologia. Como consequência, a aplicação da psicologia estendeu-se a múltiplas áreas e, hoje, podemos encontrar psicólogos em exercício em todo o tipo de organizações e também em prática individual, sobretudo de psicologia clínica e consultoria.

Este desenvolvimento da psicologia despertou o interesse pela investigação e ao aparecimento de uma vasta literatura psicológica de autores portugueses, que começou por ser publicada em português mas que hoje é na maioria escrita em inglês, devido à internacionalização e respectiva competição que a acompanhou.

Junte-se a este crescimento as oportunidades que muitos docentes tiveram de estudar ou completar diversos tipos de graus académicos no estrangeiro, o que em muito contribuiu para trazer para o nosso país um conhecimento que foi aplicado nas universidades portuguesas.

Esta verdadeira expansão do conhecimento psicológico tornou esse conhecimento mais presente e aplicado às mais diversas áreas, desde a individual até à grupal, passando pela organizacional e comunitária. Este conhecimento também se vulgarizou e passou a fazer parte do vocabulário dos cidadãos comuns. Apesar de os termos utilizados correntemente nem sempre corresponderem ao seu verdadeiro significado científico, esta realidade demonstra a enorme curiosidade de um número alargado de pessoas pelo estudo e conhecimento da mente e comportamento humano.

A criação da Ordem dos Psicólogos Portugueses em 2009, após uma longa gestação, veio permitir a organização dos profissionais num organismo regulador e de representação, que tem também contribuído, tanto em termos científicos como em termos da prática, para o avanço da profissão. Os congressos da Ordem dos Psicólogos Portugueses, já na sua quarta edição em 2018, tornaram-se no maior evento científico de psicologia no nosso país, congregando académicos e praticantes numa verdadeira festa de comunhão entre o conhecimento e as suas aplicações.

Para além dos congressos da Ordem, muitos outros congressos ocorrem todos os anos, dificultando o acompanhamento dos testemunhos e produção científica apresentada. Esta fecundidade tem uma expressão já significativa em revistas e publicações internacionais, competindo com o que de melhor se publica em termos globais na área da psicologia e suas aplicações. Creio poder afirmar-se que se atingiu uma maturidade quanto ao estabelecimento de um corpo de investigadores que desenvolvem os seus trabalhos na academia, partilhando-os com os mais de 20.000 profissionais portugueses que deles beneficiam.

Também o universo da formação pós-graduada tem conhecido um enorme crescimento, contribuindo para o desenvolvimento de profissionais cada vez mais qualificados, e que procuram uma atualização constante, agindo aliás de acordo com o imperativo ético da profissão.

Por isso, podemos dizer, passados todos estes anos, que tanto a academia como a profissão estão irreconhecíveis, para melhor, proporcionando aos cidadãos os resultados dos seus conhecimentos nas diversas aplicações dos campos da psicologia.

Assim, neste contexto, impunha-se ter um instrumento que congregasse num dicionário o conhecimento existente, visto pela lupa de autores portugueses. Foi esta a ideia embrionária deste *Dicionário de Psicologia* que agora se apresenta, ideia impulsionada pelo estímulo do editor da Edições Sílabo, Dr. Manuel Robalo. Tarefa desafiadora pela necessidade de seleção dos termos a incluir e dos autores a convidar, tarefa inacabada como qualquer dicionário, mas que fica aberta a futuras edições ampliadas e melhoradas. Percorreu-se o caminho, terminou-se a obra que aqui fica para o usufruto de todos.

Poderemos interrogar-nos sobre o sentido e oportunidade que faz publicar um dicionário em tempos de internet? Pensamos que faz todo o sentido e é oportuno, pela referência que constitui de ser uma abordagem aos temas gerais da psicologia a partir da visão de autores portugueses, mas também pelo interesse exploratório que qualquer dicionário pode induzir, principalmente se publicado em papel. A página escrita com verbetes ordenados alfabeticamente permite fazer descobertas interessantes que levam o interesse original a abrir-se a outros campos/verbetes. Existem conceitos adjacentes de áreas tão diversas e apetecíveis que prometem explorações não antecipadas. Ou ainda a possibilidade de se «ler um dicionário», seja numa qualquer ordem definida ou seja ao acaso. Qualquer das formas pode ser adequada para saber mais sobre psicologia. Claro que não é um saber integrado, para isso existem manuais, mas os verbetes que apresentamos, pela sua extensão, permitem abordagens esclarecedoras que, eventualmente, abrirão a procura de conhecimento mais detalhado.

Pedimos aos autores dos verbetes, reconhecidos especialistas nas suas áreas de intervenção, que se apoiassem e dessem uma perspetiva sustentada pela ciência, pois importa diferenciar o que é o conhecimento psicológico sólido, testado e apoiado por estudos das diversas apresentações de pretenso conhecimento psicológico. A maturidade de uma ciência, como acontece com todas as ciências, está em permanente revisão, permitindo-nos fazer afirmações que sabemos serem sempre suscetíveis de novas descobertas. Por isso, o estado da arte é sempre uma fotografia que está condenada a não corresponder ao envelhecimento dos retratados, mas que serve o propósito de fixar o momento. Este dicionário é um momento, uma obra em contínua atualização. Estaremos atentos à necessidade de a fazer crescer e melhorar. Por agora, celebremos o resultado do trabalho de tantos especialistas portugueses na afirmação da psicologia.

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto

Introdução

A ferramenta com que a maioria dos psicólogos trabalha em primeiro lugar é a linguagem. A intervenção psicológica já foi designada inclusive por cura pela palavra. A linguagem é usada na psicologia aplicada e estudada na investigação elementar. Na clínica e saúde, ela é a base da mudança, na educação, ela é a base da promoção e do desenvolvimento, no social e organizações, ela é a base do facilitar ajustamento e desempenho. Na investigação elementar, a psicolinguística, a psicologia cognitiva e a neuropsicologia estudam a linguagem e outros sistemas que usam representações linguísticas nas suas operações. A linguagem é simultaneamente alvo de avaliação psicológica e método de investigação nas metodologias qualitativas. Ela está sempre presente e torna distintiva a nossa ciência

É, portanto, surpreendente que tanta da discussão em psicologia se centre em torno do que os termos significam. Muitos dos modelos teóricos da psicologia usam termos cuja definição se sobrepõe com a de outros e muitas das relações antecipadas entre variáveis são incompreensíveis uma vez que as definições das mesmas e consequentes medidas ou variam de autor para autor ou implicam sobreposições entre si. Isto é um problema para a psicologia que desde o seu início se procurou afirmar como ciência. E não existe ciência sem saber do que se está a falar, o que tem consequências na maior ou menor operacionalização dos conceitos. A citação falsamente e maldosamente atribuída a Binet de que a «Inteligência é o que os meus testes medem» traduz uma tentativa de resolver este problema pela medida. Mas se o objetivo da ciência é a procura de uma verdade, esta proposta circular nunca poderá ser a solução definitiva.

Felizmente o estudo da linguagem, pela psicologia, permite dar uma luz sobre o problema. A linguagem não é um código fechado e de relação única e rígida com o seu significante. A palavra burro já significou vermelho e hoje, para além do animal, assume um carácter derogativo de falta de inteligência. O termo, como acontece com outros termos, pode ser usado com tons completamente diferentes que afetam os significados. E o seu uso e significado variam em função do contexto e intenção. E é esta flexibilidade que permite o uso imenso da linguagem, que permite a poesia e nunca impede a compreensão entre as pessoas. E parte desta compreensão deriva do diálogo e da negociação que se associa às trocas verbais.

Um dicionário de psicologia deve ser, portanto um instrumento de diálogo. Deve servir para uma compreensão aprofundada dos seus termos e relações com outros. Por este motivo deve ter uma construção plural. O presente documento conta com a participação de mais de 60 autores de referência nacional. Estes autores escreveram sobre a sua área de especialidade e imprimiram nos seus verbetes a sua perspetiva sobre os termos. Outros autores poderiam ter dado um cunho e uma perspetiva diferente aos termos, mas a diversidade dos envolvidos garante a diversidade do dicionário como um todo. Por esse motivo, queremos expressar os nossos profundos agradecimentos aos autores dos verbetes que com o seu contributo enriquecem a psicologia:

Ana Cristina Martins	ACM
Ana Margarida Veiga Simão	AMVS
Ana Nunes da Silva	ANS
Ana Sofia Medina	ASM
Ana Sousa Ferreira	ASF
Anabela Sousa Pereira	ASP
António M. Duarte	AMD
Armando Mónica de Oliveira	AMO
Bárbara Figueiredo	BF
Barbara Gonzalez	BG
Carla Cunha	CCC
Carla Moleiro	CMM
Carlos Fernandes da Silva	CFS
Carlos Lopes Pires	CMLP
Célia M.D. Sales	CMDS
Celina Manita	CM
Constança Biscaia	CB
Cristina Soeiro	CS
Daniel Rijo	DR
Eduardo Sá	ES
Fernando Barbosa	FB
Francisco Esteves	FGE
Francisco Miranda Rodrigues	FMR
Gabriela Moita	GM
Inês Nascimento	IN
Isabel de Sá	IS
Isabel Miguel	ICM

Jaime Grácio	JG
João Lameiras	PA&JL
João Manuel Moreira	JMM
João Salgado	JS
José Leitão	JL
Jorge Negreiros	JN
Leandro S. Almeida	LSA
Madalena Alarcão	MA
Madalena Melo	MM
Manuel Joaquim Loureiro	MJL
Maria Manuela Calheiros	MMC
Margarida Vaz Garrido	MVG
Maria Eduarda Duarte	MED
Maria João Figueiras	MJF
Maria Teresa Ribeiro	TR
Mário B. Ferreira	MBF
Mário R. Simões	MRS
Miguel Pina e Cunha	MPC
Patrícia M. Pascoal	PMP
Paulo Ventura	PVE
Pedro L. Almeida	PA&JL
Raquel Raimundo	RCR
Renato Gomes Carvalho	RGC
Rosa Ferreira Novo	RFN
Rui Pedro Ângelo	RPA
Rui Bártolo-Ribeiro	RBR
Rui Paixão	RPX
Salomé Vieira Santos	SVS
Sara Bahia	SB
Sara Ibérico Nogueira	SIN
Sérgio Moreira	SM
Sónia Figueira Bernardes	SFB
Tânia Fernandes	TF
Tânia Gaspar	TG
Teresa Garcia Marques	TGM
Vítor Franco	VF

Método de desenvolvimento do dicionário

Em primeiro lugar, o presente livro não é nem um dicionário nem uma enciclopédia. Quando o projetámos decidimo-nos por algo intermédio por julgarmos difícil abarcar alguns conceitos com verbetes curtos, e pretendermos uma obra sintética sobre todas as áreas da psicologia. Para alguns termos pedimos aos autores verbetes curtos ao passo que para outros, julgámos imprescindível a escrita de verbetes mais longos. Este carácter intermédio, também se adequava aos nossos leitores alvo: psicólogos ou estudantes de psicologia que começam a interessar-se por novas áreas da psicologia.

Tendo definido o âmbito e objeto do dicionário avançamos então para o seu desenvolvimento.

Primeiro passo: criação do léxico

A psicologia, apesar de ser uma ciência recente, espalhou-se para diversas áreas e usa diversos métodos de pesquisa e intervenção. Nestas diferentes áreas tem conceitos e teorias que nascem e desaparecem. Por ser um dicionário amplo de psicologia seria impossível ter todos os termos de todas as áreas, o que acarretaria vários dilemas de seleção. Como existem outras obras, elas foram o nosso ponto de partida. Selecionamos outros dicionários de psicologia internacionais e consideramos os termos usados. Como um dicionário é sempre um documento desatualizado, sentimos a necessidade de complementar o léxico inicial com termos de índices remissivos de algumas obras gerais e abrangentes de psicologia.

Nestes incluímos não só termos partilhados por toda a psicologia, mas também termos específicos a teorias particulares e mesmo às teorias centrais da psicologia. Definido o âmbito do dicionário como anteriormente descrito, incluímos nomes de pessoas centrais para a psicologia e provas ou instrumentos de avaliação psicológica que marcaram a intervenção e compreensão dos seus objetos. Quisemos ainda homenagear associações e organizações da psicologia de Portugal e do espaço lusófono, incluindo-as nesta obra. Por se afastar um pouco daquilo que é um dicionário, fomos parcimoniosos nesta inclusão.

Segundo passo: seleção dos termos

O léxico que resultou do primeiro passo foi significativamente maior que o final apresentado ao leitor. Para o reduzir, o primeiro critério foi a frequência com que surgiu nas fontes originais. Tomamos a frequência como um indicador de importância ou de uso na psicologia. Em alguns casos optámos por dar destaque a

certos termos menos frequentes, mas que correspondem a campos ou áreas da psicologia em afirmação. Noutros casos, deixamos de fora alguns termos ou que caíram em desuso, ou cujas conceptualizações concorrentes reuniram o consenso na psicologia. Para esta reflexão foi importante o contributo dos autores, que propuseram acrescentar alguns termos e remover outros.

Outra questão prendeu-se com o nível de aprofundamento de determinadas teorias, áreas ou perspectivas, em termos de verbetes. Em alguns casos, o termo escolhido corresponde a um conceito mais geral. Noutros casos, para além do termo geral, incluímos termos específicos da teoria, abordagem ou área da psicologia. O critério empírico descrito atrás auxiliou na escolha, havendo outros casos em que a apreciação editorial foi relevante. Naturalmente que muitos termos foram excluídos, alguns de forma argumentavelmente problemática. No total ficámos com 511 verbetes e 727 entradas (incluindo sinónimos e outras denominações do termo).

Terceiro passo: escrita dos verbetes

Com o objetivo de dar coerência à obra, enviámos logo à partida um conjunto de regras e orientações de escrita aos autores. O propósito foi o de uniformizar o nível de complexidade, caráter técnico e regras de formatação de modo a facilitar a compreensão do futuro leitor. Todos os verbetes foram lidos e revistos e reenviados para os autores no sentido de aumentar esta mesma uniformização. Agradecemos aos autores a compreensão que lhes permitiu abdicar de algumas das suas idiossincrasias de escrita neste processo.

Por o inglês ser, atualmente, a língua franca da ciência, todos os termos têm a tradução em inglês. Os autores foram ainda convidados a incluir a origem etimológica da palavra quando relevante. Como acontece com outras obras similares, foi pedido aos autores para evitar referências ou citações. Nos casos em que tal fosse considerado indispensável, as mesmas deveriam ser incluídas no texto dos próprios verbetes.

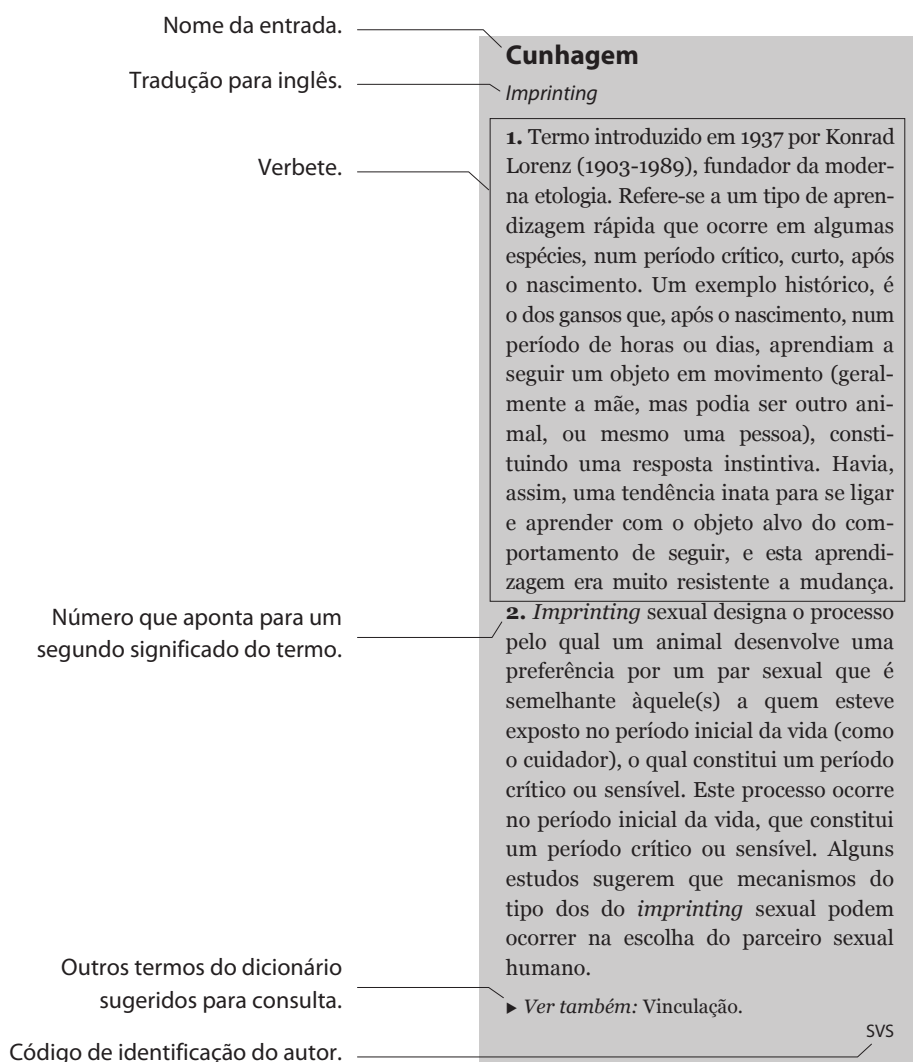
Quarto passo: ordenação dos verbetes

A ordenação dos termos num dicionário escrito em português apresenta os seus desafios; nomeadamente nas situações em que as entradas têm mais do que uma palavra. Nestes casos, com frequência, invertemos a ordem das palavras por julgar que tal corresponderia ao termo que o leitor pesquisaria (*e.g.*, «Perfil criminal, análise do» em vez de «Análise do perfil criminal»). Nos casos em que tal foi feito, ambas as entradas foram colocadas, com uma delas a remeter para a

outra. Noutros casos, havendo dúvidas, optámos por manter a forma original, duplicando a entrada. Colocámos ainda entradas com os sinónimos do termo a remeter para o próprio termo ou termos que não sendo sinónimos estão muito associados (*e.g.*, bem-estar e felicidade)

Apresentação do dicionário

Cada verbete tem as seguintes informações:



Conclusão

Cerca de três anos e meio depois de termos iniciado este trabalho, é com satisfação que partilhamos este dicionário com os colegas que comungam do nosso interesse pela psicologia. Fazemos votos para que ele sirva de referência para novas ideias e novas reflexões. A psicologia continua a precisar de afirmação na sua dimensão profissional e de desenvolvimento na sua dimensão científica. O contínuo refinar e melhorar da nossa ciência dará sustentação a essa afirmação.

Telmo Mourinho Baptista
David Dias Neto

D

DESENVOLVIMENTO MORAL

mentais, desde o nascimento até à fase adulta. Este tipo de desenvolvimento abrange assim mudanças temporais qualitativas quer nas funções mentais como a atenção, o processamento sensorial, a percepção, a memória, a compreensão ou a resolução de problemas, quer nas funções metacognitivas e de monitorização cognitiva, ou na conceptualização do mundo matemático, material e social. Desta forma, através do desenvolvimento cognitivo o indivíduo torna-se cada vez mais adaptado em processar mentalmente a informação, mais capaz em raciocinar e controlar o seu próprio funcionamento cognitivo e detentor de uma base de conhecimento cada vez mais elaborada. Uma das mais importantes teorias sobre o desenvolvimento cognitivo é a de Piaget, que o conceptualiza como ocorrendo numa série de quatro estádios distintos e universais. Estes estágios envolvem uma sofisticação progressiva do funcionamento cognitivo no sentido do pensamento abstrato. No estádio sensório-motor (*i.e.*, 0-2 anos) o conhecimento é sobretudo adquirido através das sensações e das ações motoras, levando sobretudo à noção dos objetos como tendo uma existência permanente, independentemente da percepção que se tem sobre eles. No estádio pré-operatório (*i.e.*, 2-6 anos) torna-se possível representar a realidade através de imagens e símbolos. No estádio operatório concreto (*i.e.*, 7-11 anos) desenvolve-se a competência de efetuar operações lógicas em relação a objetos externos. No estádio operatório formal (*i.e.*, depois dos 12 anos) surge a competência de pensar logicamente sobre abstrações. A mais importante abordagem teórica paralela

a Piaget é a do processamento de informação, que coloca a ênfase no gradual aumento da capacidade cognitiva (*e.g.*, grau de atenção e de armazenamento em memória) ao longo do desenvolvimento.

► *Ver também:* Assimilação; Acomodação; Desenvolvimento, psicologia do; Cognitivo, desenvolvimento.

AMD

Desenvolvimento moral

Moral development

Genericamente, o desenvolvimento moral refere-se à forma como as pessoas desenvolvem o sentido do certo e errado, próprio e impróprio, bem como das regras subjacentes às relações interpessoais. Tem sido estudado na perspetiva de diferentes posições teóricas, destacando-se, entre outras, as abordagens psicanalíticas, da aprendizagem social e cognitivo-desenvolvimentais. As abordagens cognitivo-desenvolvimentais estudam o desenvolvimento do raciocínio moral, considerando haver uma estreita relação entre o desenvolvimento moral e o desenvolvimento cognitivo. O desenvolvimento cognitivo é entendido como condição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento moral.

Baseando-se no trabalho de Jean Piaget (1896-1980), Lawrence Kohlberg (1927-1987) estudou o desenvolvimento de princípios morais através de dilemas hipotéticos. Postulou um modelo de desenvolvimento do raciocínio moral com seis estádios, organizados em três níveis. O nível I designa-se de moralidade pré-convencional e é típica da infância. Corresponde a uma moralidade heterónoma, em que regras e normas sociais são determinadas por uma autoridade

externa e as decisões baseadas nas consequências dos comportamentos, sem ter em conta as intenções ou os sentimentos dos outros. O estágio 1 deste nível designa-se de orientação para a obediência e para evitar o castigo. A criança obedece à regra para evitar o castigo. As ações são consideradas certas ou erradas pelas suas consequências ou pelo que é determinado pela figura de autoridade. O estágio 2 deste nível designa-se de orientação para o individualismo e para o interesse. As ações são julgadas de acordo com o interesse pessoal e com os benefícios que podem trazer, numa visão instrumental e hedonista. Apesar de já existir a consideração da perspectiva da outra pessoa e de ser tida em conta a intencionalidade das ações, prevalece o interesse pessoal ou a troca instrumental. O nível II designa-se de moralidade convencional e inicia-se na adolescência, sendo típica da maioria dos adultos. A moralidade torna-se interpessoal, com consideração dos interesses e opiniões dos outros. Prevalece o ponto de vista da sociedade, com interiorização e conformidade às regras e expectativas sociais. O estágio 3, no nível II, designa-se de orientação para a conformidade interpessoal. A moralidade é orientada pela aprovação social. Caracteriza-se pela moralidade da boa pessoa, que mantém relações baseadas na confiança e desempenha os papéis estabelecidos pela sociedade. A pessoa é capaz de coordenar perspectivas diferentes e tomar a perspectiva de uma terceira pessoa. O estágio 4, no nível II, orientação para a manutenção da ordem social. Neste ocorre o primado da manutenção das regras sociais, consideradas essenciais para o bom funcionamento da

sociedade. As ações são analisadas do ponto de vista do cumprimento de deveres morais. O nível III designa-se de moralidade pós-convencional e prevalecem princípios morais universais (*e.g.*, vida, liberdade, justiça) que são considerados superiores às leis e regras sociais. O estágio 5, no nível III, designa-se de orientação para o contrato social. Este é influenciado pela ideia de contrato social. Nomeadamente, que as regras sociais são importantes a proteção dos direitos individuais, mas devem ser postas em causa se não seguirem um princípio de utilidade social. As regras que não respeitem princípios como a liberdade ou o valor da vida devem ser alteradas ou ignoradas. O estágio 6, no nível III, designa-se de orientação para princípios universais. É caracterizado pela a consciência pessoal e os princípios éticos universais que estão na base dos julgamentos e decisões morais. Mais que um estágio, será um ideal de desenvolvimento.

Este modelo de desenvolvimento moral foi alvo de diversas críticas e questionado por pesquisas posteriores. Entre essas críticas destacam-se as que enfatizam as diferenças entre homens e mulheres no desenvolvimento do raciocínio moral. Estes autores censuraram Kohlberg por apenas ter estudado o desenvolvimento moral do sexo masculino, desvalorizando o raciocínio moral das mulheres. Nesta linha, Carol Gilligan (1936-...) propõe uma teoria alternativa, afirmando que as mulheres desenvolvem sistemas morais baseados numa ética de cuidado em vez de uma ética de justiça. Outras pesquisas põem em causa a universalidade dos estágios de Kohlberg, sugerindo também que o

D

DESENVOLVIMENTO, PSICOLOGIA DO

pensamento moral surge mais precocemente que o proposto pelas teorias tradicionais.

► *Ver também:* Ética; Desenvolvimento, psicologia do.

MM

Desenvolvimento, psicologia do

Developmental psychology

Campo da psicologia que se debruça sobre as interações das mudanças físicas, psicológicas e sociais que ocorrem à medida que um indivíduo envelhece, desde a concepção até à velhice. Investiga os vários fatores biológicos, neurobiológicos, genéticos, psicológicos, sociais, culturais e ambientais que afetam o desenvolvimento para ajudar a explicar como e porquê as pessoas mudam à medida que se desenvolvem ao longo da vida. Existem vários subcampos que se concentram em aspetos específicos (*e.g.*, desenvolvimento social ou emocional, desenvolvimento de linguagem, desenvolvimento físico, desenvolvimento cognitivo) e diversas faixas etárias (desenvolvimento pré-natal, infância, idade escolar, adolescência, idade do jovem adulto, meia idade e idade adulta avançada). Existem três processos que desempenham um papel central no desenvolvimento, são eles: o crescimento, a maturação e a aprendizagem. O crescimento refere-se às mudanças físicas que são quantitativas, como aumento de altura ou peso. A maturação implica transformações anatómicas, neurofisiológicas e químicas que alteram a forma como uma pessoa funciona (como a passagem de uma mulher para dentro ou fora da idade fértil). A aprendizagem envolve mudanças de comportamento a

longo prazo através de observação, treino ou experiência.

Jean Piaget, com a sua teoria do desenvolvimento cognitivo em crianças foi pioneiro, delineando uma sequência de estádios de desenvolvimento que ocorrem em uma ordem fixa com cada um dependente dos anteriores (sensório-motor, operacional pré-operacional, operacional concreto e operacional formal). Investigação mais recente desafiou alguns de seus pressupostos, pois há crianças que são capazes de pensar de forma mais avançada que a descrita no estádio correspondente à sua idade. O desenvolvimento cognitivo é menos sistemático e previsível do que se pensava anteriormente, e o raciocínio das crianças numa situação específica pode depender de muitas variáveis – familiaridade com certos objetos, compreensão da linguagem e experiências anteriores, entre outras. Uma outra influência importante foi Erik Erikson (1902-1994), com os seus oito estágios de desenvolvimento psicossocial, que abrangem toda a vida desde a infância até a velhice. É a Erickson que é atribuído o conceito de «crise de identidade» adolescente. Um tipo de desenvolvimento que ganhou maior expressão nos últimos anos é o desenvolvimento moral, em que os trabalhos de Lawrence Kohlberg se destacaram. Os estádios de Kohlberg não ocorrem necessariamente numa determinada idade, mas ocorrem numa determinada ordem. Além disso, nem todos os indivíduos atingem o estádio final e a sua universalidade foi posta em causa.

► *Ver também:* Psicologia; Educação, psicologia da; Infância; Adolescência; Puberdade; Adulta, idade; Envelhecimento.

FMR